



O ESTÁDIO SERRA DOURADA COMO ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES E CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

GABRIELA CAMARGO RAMOS¹, JOSÉ PEDRO MACHADO RIBEIRO².

1. Mestranda em Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Goiás. Avenida Contorno, nº. 900, Planetário, Parque Mutirama. CEP: 74.055-140. Centro, Goiânia. E-mail: gabrielacamargoramos@gmail.com
2. Professor Doutor do Programa de Mestrado em Educação e Ciências e Matemática, Universidade Federal de Goiás. Avenida Contorno, nº. 900, Planetário, Parque Mutirama. CEP: 74.055-140. Centro, Goiânia. E-mails: zepedro@ufg.br; zepedroufg@gmail.com

Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

RESUMO

As reflexões e leituras realizadas na disciplina de Ensino de Ciências e Matemática em Espaços Não Formais do programa de mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás foram motivadoras para a propositura da investigação acerca da educação não formal no estádio de futebol Serra Dourada, cidade de Goiânia-GO, substanciando assim a produção deste artigo. Tem como propósito refletir sobre possibilidades de atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas em um espaço não formal. Propõe, também, compreender e analisar as potencialidades que o referido espaço não formal pode oferecer ao professor na construção de conhecimentos curriculares e não curriculares. O material foi obtido por meio de visitas ao estádio, tendo como interlocutor um funcionário, que na condição de guia forneceu significativas informações acerca do espaço, seu histórico e suas especificidades físicas. A investigação propiciou a percepção do estádio de futebol como um espaço de educação não formal rico em elementos que podem oportunizar ao professor da Educação Básica desenvolver atividades interdisciplinares, por meio de temas geradores provenientes das instalações presentes no estádio. Os resultados apontam que esse espaço oferece contribuições significativas ao processo de ensino e aprendizagem, oportunizando condições e possibilidades de desenvolver práticas problematizadoras, as quais desafiam os educandos e os convidam a pensar, refletir e transformar a realidade vivenciada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação não formal. Ensino interdisciplinar. Formação de professores. Prática problematiza

THE SAW STADIUM AS GOLDEN SPACE NO FORMAL EDUCATION: POSSIBILITIES AND CONTRIBUTIONS TO THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING

ABSTRACT

The reflections and readings taken in the discipline of Mathematics and Sciences Education in non-formal places of the master's program in Education in Sciences and Mathematics of Universidade Federal de Goiás were motivating for conceiving the investigation about the non-formal education at the soccer stadium Serra Dourada, substanciating the working up of this article. It's purpose is to speculate about the variety of educational activities that can be developed in a non-formal place. Proposes, also, to number and understand the potenciales that the room mentioned can offer to the teachers on the construction of curriculars knowledges and non-curriculars. The material was colected by visits to the stadium, guied by an employee, that gave signifcant informations about the place, it's history and physical specificities. The investigation led to the perception of the stadium as a room of non-formal education rich in elements that can allow the teacher of Basics Education to develop interdisciplinarys activits, through themes derived from the stadium facilities. The results point that this place offers significant contributions to the teaching process and learning, engendering conditions and opportunities to cultivate problem-based practices, wich challenges the students and invite them to think, reflect and transforme the experienced reality.

KEYWORDS: Non-formal education , interdisciplinary education, teacher training, Problem-based practice.

INTRODUÇÃO

Em 2014, a participação na disciplina de Ensino de Ciências e Matemática em Espaços Não Formais do programa de mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás fomentou-nos em propor uma investigação que viesse oportunizar reflexões e debates acerca de vários temas sobre espaços não formais. O campo de pesquisa no âmbito da educação, que aborda as possibilidades educativas que os espaços não formais propiciam, está aos poucos se constituindo nos últimos anos. Contudo, o debate e as pesquisas que envolvem essa temática ainda encontra-se incipiente, cujo cenário não está muito diferente ao que GOHN (2009) observou há cinco anos, quando apontou que a "educação não-formal é uma área carente de pesquisa científica. Com raras exceções, o que predomina é o levantamento sistemático de dados para subsidiar projetos e relatórios, feitos usualmente por ONGs". (p.31)

Motivados pelo futebol - possivelmente o mais importante e expressivo patrimônio cultural brasileiro - a referida investigação tomou o Estádio Serra Dourada, na cidade de Goiânia-GO, como o espaço não formal de aprendizagem a ser pesquisado e analisado. Pois o futebol é assunto que frequentemente se manifesta nas reuniões de família e amigos, nos ambientes de trabalhos, nos meios de comunicação, nas escolas e nas mais variadas localidades. Facilmente percebe-se a grande presença do futebol em nossa sociedade, basta observar o comportamento dos brasileiros perante a Copa do Mundo de Futebol nos dias de jogo da Seleção Brasileira, ocasião em que quase

tudo para como se fossem feriados. Neste sentido, compreende-se que o estádio no âmbito da educação não formal pode "contribuir para o sucesso escolar dos indivíduos, mas é preciso clarificar que interessa a ela o desenvolvimento integral do indivíduo e não somente das competências e habilidades valorizadas pelo ensino tradicional. (ESTEVES & MONTEMÓR, p.113). Assim, compartilhamos com VERCELLI (2011) ao dizer que

A educação não formal é aquela que se aprende no cotidiano, na relação com diferentes pessoas, pela experiência e em espaços fora da escola, em locais informais onde há processos de interação e intencionalidade na ação, na participação, na aprendizagem e na transmissão e troca de saberes. A educação não formal abre possibilidades de conhecimento sobre o mundo que rodeia os indivíduos e suas relações sociais. (p. 2)

Nessa perspectiva, este trabalho tem origem a partir da imersão dos pesquisadores no referido espaço não formal, os quais tiveram como propósito levantar possibilidades de atividades pedagógicas, para, em seguida, serem analisadas de modo que viessem a ser implementadas. Assim, compreender e analisar as potencialidades que o estádio pode oferecer ao professor na construção de conhecimentos curriculares e não curriculares, ao adentrar no campo da educação não formal, constitui um caminho salutar na busca da aprendizagem dos alunos por meio de um viés interdisciplinar do conhecimento.

UM OLHAR EM CONSTRUÇÃO: OS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Em geral, os espaços não formais de educação não consistem em possibilidades que se fazem presentes no fazer pedagógico das disciplinas das matrizes curriculares dos cursos de formação de professores – das licenciaturas. Tal fato leva os professores a terminarem os cursos de graduação sem ter oportunidade de conhecer as potencialidades que os espaços não formais poderiam proporcionar ao processo educativo na Educação Básica. Nessa perspectiva, o professor inicia sua prática em sala de aula sem formação necessária acerca da utilização de espaços não formais de educação de modo a promover uma aprendizagem significativa aos seus alunos. Desse modo, um espaço rico para construção de conhecimentos e possibilidades educativas pode se tornar apenas um local de entretenimento e passeio.

Ao compreender que há um grande leque de elementos a serem explorados nesse campo investigativo e perceber a carência da formação dos professores no que diz respeito à temática em questão, este trabalho tem o propósito de refletir sobre propostas de atividades que possam ser desenvolvidas em um espaço não formal, neste caso o Estádio Serra Dourada. Também busca compreender e analisar as potencialidades que o referido espaço não formal possa oferecer em prol da construção de conhecimentos curriculares e não curriculares.

Os autores que investigam sobre temas acerca de educação não formal possuem concepções divergentes sobre a conceituação da educação como forma de ensino e

aprendizagem. Entretanto, é consenso a subdivisão em três formas diferentes – formal, informal e não formal – como bem coloca CHAGAS (1993)

A educação formal caracteriza-se por ser altamente estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias – escolas e universidades – onde o aluno deve seguir um programa pré-determinado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição. A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo. A aprendizagem não-formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. Finalmente, a educação informal ocorre de forma espontânea na vida do dia-a-dia através de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais. (p.2)

Ao conceber a educação com essa diferenciação em formal, informal e não formal, CHAGAS (1993) evidencia a especificidade espacial que determina a educação não formal, a qual desenvolve-se fora da esfera escolar. Nesse sentido, a escola, mesmo sendo compreendida como importante espaço para a formação do sujeito/aprendiz, não pode ser considerada como um espaço não formal de educação. E, ainda, que o espaço não formal não deve ser entendido pelo professor como um local onde se realiza a aula formal da escola, buscando trabalhar estritamente os conteúdos curriculares. GOHN (2009, p.32) compreende que a "educação não-formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é", consistindo em um espaço efetivo de aprendizagem de conhecimentos compartilhados em prol da formação do cidadão para viver em sua sociedade. De modo distinto, MARANDINO (2009) diferencia essas formas de educação apontando em outra direção, assim:

[...] um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não-formal quando o pensamos como instituição, com um projeto de alguma forma estruturado e com um determinado conteúdo programático. Mas, ao pensarmos sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando aprofundamento em um determinado conteúdo conceitual (ou, como muitos professores dizem, tentando “ver na prática o que têm em teoria na sala de aula”). E podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para se divertir em um final de semana com seus amigos ou familiares. (p. 32)

Nessa perspectiva, um espaço por si só não se constitui em formal, não-formal ou informal, o que atribui-lhe essa característica é a intenção e os objetivos do grupo que utiliza esse espaço. Compartilha-se então, no desenvolvimento deste trabalho, da

compreensão de um espaço não formal de educação como qualquer espaço, dentro ou fora da escola, no qual são utilizadas suas potencialidades para promover possibilidades de trabalhar conteúdos, curriculares ou não, com o objetivo de complementar a educação formal a partir dos elementos pertencentes ao espaço, extrapolando os conteúdos programáticos encontrados nos livros didáticos e no fazer pedagógico do professor. Buscando, de forma integrada, abordar conhecimentos das mais variadas áreas de conhecimento, caminhando para uma superação do ensino tradicional fragmentado. Neste contexto, VERCELLI (2011) acentua que

[...] esses espaços além de auxiliar no desenvolvimento cognitivo, uma vez que, por meio de suas ações, levam os aprendizes a estabelecer relações com diferentes áreas do conhecimento, também contribuem para que a aprendizagem seja significativa (VERCELLI, p.7-8)

A educação não formal passa a vislumbrar condições propícias para a interdisciplinaridade, pois os espaços não formais se apresentam ricos em elementos pertencentes não unicamente a uma área de conhecimento. Ao tomar algo específico de um espaço, tem-se que ele faz parte da vida real da sociedade e que desse modo possibilita uma variedade de temáticas que pode mobilizar a promoção de atividades educativas interdisciplinares.

O ESTÁDIO DE FUTEBOL COMO UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

O futebol faz parte da realidade vivenciada pelos alunos e pode propiciar temas geradores a serem trabalhados durante as aulas, de modo que venham potencializar as práticas de sala de aula no processo educativo escolar. A revista Nova Escola, de fevereiro de 2014, inspirada no mega evento realizado no Brasil, a Copa do Mundo de Futebol, publicou uma parte especial de propostas de ensino relacionadas ao futebol. As possibilidades de desenvolver atividades com essa temática são inúmeras e abarcam diversas disciplinas obrigatórias na Educação Básica, como as Ciências, a História, a Matemática, a Geografia, a Educação Física, a arte, a Língua Portuguesa e a língua estrangeira.

Nessa perspectiva, compreendendo que o futebol é um tema relevantemente chamativo e possui um expressivo potencial educativo, buscou-se nesta investigação um espaço não formal que representasse essa temática, um estádio de futebol. As pessoas, geralmente, vão aos estádios em busca de entretenimento, mas até que ponto esse espaço pode se constituir um espaço não formal de educação? Essa foi a primeira inquietação, que motivou as ações de conhecer e explorar as possibilidades educativas que um estádio pode oferecer para contribuir com a formação dos alunos.

Assim, optamos pelo estádio de futebol Serra Dourada, na cidade de Goiânia-GO, uma vez que este espaço possui uma estrutura rica e singular, com história comovente e por ser de grande representatividade para o povo goiano.



FIGURA 1 – O estádio Serra Dourada¹

O Serra Dourada foi inaugurado no dia 09 de março de 1975, consistindo no sétimo maior estádio do país. Seu público recorde foi de quase 80 mil pessoas e, conforme a legislação vigente, ele tem, atualmente, capacidade de 41 mil espectadores. Possui um amplo estacionamento para carros, podendo acolher até 10 mil veículos, e foi construído numa localização que facilita o acesso do público, por estar entre importantes vias de trânsito de Goiânia. A área construída é de 160 mil metros quadrados, possibilitando possuir uma estrutura física invejável, cujas encorpadas instalações são apresentadas no quadro a seguir.

QUADRO 1 – Instalações do Estádio Serra Dourada

Quantidade	Instalações
16	Lanchonetes
53	Banheiros
4	Banheiros para a imprensa
4	Vestiários para jogadores
2	Vestiários para árbitros
1	Vestiário para gandula
1	Sala para imprensa
1	Sala antidoping
34	Cabines de radio
5	Bilheterias
7	Portões de entrada
12	Portões de saída

¹

[□] Todas as figuras utilizadas são fotografias produzidas pelos autores do trabalho.

As dimensões do gramado no campo de jogo são de 110m x 75m, e todo o gramado mede 118m x 80m. O Serra Dourada é um dos poucos estádios brasileiros que ainda possui este gramado avantajado. A grama presente no campo é a *celebration*, utilizada também nos principais estádios da Europa. Também, é agraciado pela visibilidade, já que de todas as localidades das arquibancadas e cadeiras tem-se uma visão ampla, não apresentado pontos cegos.

CONHECENDO O ESPAÇO E AÇÕES EDUCATIVAS

Para a obtenção das informações necessárias que viessem atender os propósitos da investigação, adentramos ao estádio Serra Dourada, onde tivemos como interlocutor um guia, funcionário antigo do estádio. As visitas propiciaram compreender as potencialidades do estádio como espaço de educação não formal. As especificidades do espaço oportunizou uma aproximação de ações educativas de modo a contribuir com a formação de estudantes. A pretensão não foi de construir instruções estruturadas para serem seguidas, mas sim refletir sobre possibilidades de conteúdos que podem ser trabalhados no estádio e, também, de propostas de atividades que possam promover o potencial criativo do professores da Educação Básica. Desse modo, provocá-lo à refletir acerca da construção de práticas a serem implementadas em conformidade com a realidade escolar específica e das necessidades de seus alunos.

Verificamos que o estádio é um local viável para desenvolver atividades educativas e que está de portas abertas para receber escolas, pois oferecem apoio necessário, mesmo não possuindo um programa sistematizado de apoio pedagógico. Além disso, percebemos elementos presentes em suas instalações que podem ser utilizados para problematizar conteúdos relevantes para a formação discente nas mais variadas áreas de conhecimento.

Nessa perspectiva, ao analisar possibilidades de propostas de atividades que possam ser desenvolvidas no estádio Serra Dourada, buscamos formas de compreender o leque de ações interdisciplinares que pode contribuir para a formação dos alunos. Nas atividades, entendemos que em um primeiro momento o professor e alunos devem realizar uma visita ao estádio especificamente para conhecer o espaço e sua história por meio da orientação do guia. Em seguida, realizar as atividades educativas que contribuam para a problematização em prol da construção de conhecimentos.

Ao analisar a realidade do Estádio Serra Dourada, evidencia-se caminhos que possam possibilitar ações educativas de modo que contribuam para a aprendizagem de conhecimentos curriculares e não curriculares. Neste contexto, ao refletir sobre a acessibilidade no estádio, percebemos que essa temática pode fomentar a elaboração de ações pedagógicas. Assim, observamos que este espaço não formal possui estrutura que propicia acesso aos cadeirantes, com rampas, elevadores e locais específicos para que eles possam assistir aos jogos e eventos. Compreendemos que a acessibilidade é um tema relevante para ser analisado e debatido com os alunos,

considerando que as condições em que as pessoas com deficiência física interagem com a sociedade devem estar presentes no processo de formação de qualquer cidadão crítico.



Nesse panorama, durante a visita ao estádio propõe-se desenvolver uma atividade relacionada à acessibilidade que pode ser organizada em três momentos. Primeiramente, inicia-se uma conversa com os alunos sobre como tem sido a questão da acessibilidade na sociedade em que vivemos. Nas discussões, com o intuito de orientar e problematizar o diálogo, o professor pode realizar algumas intervenções estabelecendo questionamentos do tipo:

- No dia a dia vocês já perceberam locais que são reservados para cadeirantes?
- Quais são as maiores dificuldades que os cadeirantes podem enfrentar no acesso ao espaço?
- Quais providências poderiam ser tomadas para facilitar a acessibilidade?

Em seguida, em segundo momento, com o intuito de potencializar as discussões e reflexões realizadas no primeiro momento, pode propor que aos alunos realizem leitura de um texto que aborde este tema, por exemplo, o texto “Direito de ir e vir” de Deilson Alves de Lima e João Candido Bracarense Costa. E, em um terceiro momento, os alunos podem ser questionados sobre o funcionamento da acessibilidade no Serra Dourada. Para tanto, à medida que os alunos forem sendo desafiados a explorar o espaço em busca dos locais que facilitam o acesso dos cadeirantes ao estádio e a identificar as dificuldades que eles ainda possam enfrentar para poderem assistir ao jogo, são construídos caminhos propícios para o estabelecimento de um diálogo crítico-reflexivo.

Essa possibilidade de atividade propicia ao professor a oportunidade de debater sobre questões relacionadas à ética e cidadania, discutindo sobre o preconceito, o respeito às diferenças, os direitos e deveres de todos os cidadãos. Essas questões são fundamentais para a formação de um cidadão crítico e consciente, que, de acordo com a LDB, é também papel da escola. Após a visita, é importante que os alunos façam uma devolutiva acerca da experiência vivenciada no espaço não formal, além disso, é

relevante para a prática do professor que ele avalie seus alunos no sentido de compreender se a visita contribuiu de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, buscando uma devolutiva, torna-se importante que após a visita os alunos produzam uma carta coletiva, que tenha o intuito de ser enviada à administração do Serra Dourada, discorrendo sobre a relevância da acessibilidade e sobre a estrutura que consideram ser limitações dos cadeirantes e, assim, apontar dificuldades enfrentadas por eles no estádio para o acesso aos cadeirantes.

Uma outra possibilidade consiste também acerca das instalações do estádio, em particular, os vestiários dos jogadores. Nesses há particularidades que propiciam problematizar situações vivenciadas pelos atletas. Dentro dos vestiários há uma sala onde os jogadores fazem aquecimentos antes do início de cada partida de futebol. Cabe questionar os motivos que levam eles a fazerem isso. E ainda, é importante se aquecer antes de praticar exercícios? E se o jogador não se aquecer, o que pode acontecer? Qual é a diferença entre alongamento e aquecimento? São questionamentos que podem ser direcionados aos alunos a fim de gerar discussões sobre a temática.

Durante as discussões, o professor pode realizar intervenções com o intuito de levar os alunos a compreender as contribuições que o aquecimento pode proporcionar ao jogador. Sendo elas, por exemplo, prevenir lesões, tornar a musculatura, ligamentos e os tendões mais elásticos, para que os riscos de lesões e rupturas sejam menores, aumento de resistência articular, do débito cardíaco, do volume respiratório e melhora do desempenho e aumento da oxigenação muscular.

a visita aos vestiários, algo que chama a atenção é a presença de várias banheiras em frente às duchas. O guia explica que os jogadores utilizam as banheiras para ficarem imersos na água com gelo. Neste momento, o professor pode questionar os alunos sobre esse procedimento. Alguém conhece essa técnica? Quais são seus benefícios? Por que utilizar o gelo? A partir desses questionamentos, o professor pode promover um debate, buscando fazer intervenções sempre que necessário com o intuito de orientar os alunos a apresentarem explicações crítico-reflexivas, de modo a elaborarem argumentos mais consistentes acerca da temática.

Na medida em que surgem indagações, o professor pode orientar o debate questionando-os sobre como ocorre esse procedimento, os prós e contras dessa técnica, e partir disso confrontar as novas ideias com as anteriores. Essa proposta de atividade educativa acerca de aquecimento, alongamento e técnica de imersão no gelo, propicia ao professor trabalhar diversos conteúdos relacionados à biologia e química, e muito mais que isso, oportuniza perpassar, interdisciplinarmente, por várias áreas de conhecimento. Como, por exemplo, a energia muscular, que envolve o estudo dos músculos e as substâncias e moléculas utilizadas como o trifosfato de adenosina, ou ATP, e o difosfato de adenosina, ou ADP; e a produção do ácido láctico após os exercícios. É possível trabalhar também com conteúdos que envolvem conceitos da biologia, física e química, como a temperatura do banho de gelo e suas reações químicas e biológicas no corpo dos atletas.

Após a visita, com o intuito de propiciar uma devolutiva aos alunos e avaliar a proposta pedagógica realizada, pode-se desenvolver em sala de aula situações que propõe aos alunos realizar uma simulação com um fisioterapeuta, buscando atender um

paciente que começou a jogar bola, e que, para prevenir lesões, procurou ajuda. Assim, os alunos poderão levantar elementos para construir um guia médico para seu paciente, indicando cuidados e tratamentos que ele deverá seguir, mostrando a importância deles para a sua saúde.

Na análise da potencialidade do Estádio Serra Dourada percebemos uma variedade grande de temáticas que podem oportunizar ações pedagógicas neste espaço não formal. E no contexto da aprendizagem dos conteúdos compreendemos que

"quanto mais interdisciplinar for o trabalho docente, quanto maiores forem as relações conceituais estabelecidas entre as diferentes ciências, quanto mais problematizantes, estimuladores, desafiantes e dialéticos forem os métodos de ensino, maior será a possibilidade de apreensão do mundo pelos sujeitos que aprendem." (THIESEN, p.552)

Nessa perspectiva, a tabela abaixo mostra várias temáticas que podem ser implementadas no espaço não formal de um estádio de futebol, cuja abordagem de conteúdos, curriculares ou não, pode recair no universo da interdisciplinaridade.

QUADRO 2 - Possibilidades pedagógicas que o Estádio Serra Dourada pode proporcionar à vários campos de conhecimento.

Campo de abrangência Interdisciplinar	Possibilidades pedagógicas
História, Geografia, Sociologia	A história do estádio e do futebol, contada pelo informante/guia. Pode oportunizar ações que abrangem conteúdos de história e geografia, enfatizando a importância da construção do estádio para a política e suas implicações na economia e sociedade.
Química e Biologia	A visita à sala de anti-doping, buscando os motivos para que o teste seja realizado nos jogadores. Pode questionar sobre quais as substâncias que eles não podem ingerir, o que elas causam no organismo, porque são proibidas e como é realizado o exame. Assim, possibilitam propor ações que contemplam conteúdos de química e biologia.
Matemática, Sociologia, História	Trabalhar sobre as licitações em espaços públicos pertencentes ao estado, ao observar as lanchonetes presentes no estádio e empresas terceirizadas que prestam serviços no estádio. Pode-se abordar os questionamentos: Como participar dessas licitações? Como funciona o processo de escolha das empresas que ganham as licitações? Por quanto tempo essas licitações valem? Já houve alguma denúncia que envolvesse as licitações?

Biologia, Matemática, Física, Geografia	A conservação do gramado do campo de jogo é algo que pode ser amplamente explorado, no que diz respeito ao tipo de grama utilizada, na aplicação de veneno para matar insetos e ervas daninha. Que venenos são esses? De onde vem essas plantas denominadas ervas daninhas? Em relação ao corte do gramado e a sua irrigação. Como é realizado esse corte? Qual é a técnica utilizada e seus benefícios? Como é realizada a irrigação da grama? E o escoamento da água do campo? Pode-se envolver os estudos das plantas, o processo de fotossíntese, os compostos presente nos venenos, entre outros. Também, utilizar as dimensões e as formas presentes no estádio de forma integrada com os fatores biológicos e físicos.
Matemática, Sociologia, Geografia,	Ao observar a estrutura do estádio, pode-se trabalhar com as figuras geométricas que compõem essa estrutura. Na bilheteria e na lanchonete podem ser trabalhados conteúdos de matemática presentes na compra de ingressos. A partir destas questões econômicas discuti-se as questões sociais de utilização do estádio.
Línguas estrangeiras, Sociologia, Geografia, Matemática	Considerando as placas de saída de emergência, para quê elas são úteis? Em caso de ocorrer algum incidente há saídas de emergência suficientes? Elas estão bem indicadas? É importante que os alunos tenham consciências sobre temáticas como essa, que envolvem sua segurança. Também, as placas existentes no estádio em língua inglesa e espanhola para que trabalhe ações acerca de língua estrangeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do futebol, por fazer parte do gosto dos brasileiros e despertar a atenção e interesse dos alunos, favoreceu a escolha pelo estádio como o espaço não formal investigado. Ao adentrar no espaço, floresceram ideias que fomentaram a propositura de práticas que poderiam ser desenvolvidas no estádio. Entretanto, faz-se fundamental que o professor realize visitas ao estádio Serra Dourada, aproximando-se, assim, do contexto, com intuito de compreender suas potencialidades educativas. O importante não é apenas conhecer o local no qual os alunos poderão vivenciar práticas, é necessário que o professor visite-o antes, com o olhar atento, a fim de explorar as possibilidades que o espaço oferece para o desenvolvimento de ações educativas.

Essa investigação, realizada pelo professor com a visita ao campo de trabalho, pode proporcionar elementos consistentes para que ele possa planejar a visita e as atividades que serão realizadas com os alunos. O planejamento é uma questão essencial à prática docente, e, em se tratando de espaços não formais, ele se torna indispensável e oportuniza ao professor condições para que os objetivos das visitas sejam alcançados.

Ao compreender o estádio como um espaço não formal de educação, construir atividades de ensino e elencar possibilidades de ações educativas, percebe-se a

potencialidade para a educação que esse espaço representa, proporcionando uma quantidade expressiva de temáticas relevantes que contribuem com a formação discente. Nessa visão, GOHN (2006) contribui com essa reflexão na medida que compreende que

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. (p. 27-28).

Entre as possibilidades que podem ser trabalhadas no estádio estão conteúdos curriculares e não curriculares, como, por exemplo, a acessibilidade que extrapola áreas específicas ao adentrar no campo interdisciplinar. Sendo esse um tema muito importante para promover o exercício à cidadania, que, entretanto, não está no currículo de nenhuma disciplina. Dessa maneira, DURAN (2011) coloca que:

[...] o papel e a função social preponderante e fundamental que a educação formal tem na constituição e na formação do sujeito enquanto cidadão, evidenciar outras práticas e outros espaços educativos como os espaços de educação não formal é contribuir para uma sociedade mais emancipada e desenvolvida. É perceber que as “educações” se complementam enquanto processos de formação humana e social. (DURAN, 2011, p. 132)

Sendo assim, vislumbra a compreensão dos espaços não formais como complemento da educação formal, que podem ir além do que a escola oferece para a formação do aluno. Contudo, "temos de ter clareza que a educação não formal não substitui a educação formal. Ela a complementa principalmente nesses espaços que oferecem a interatividade e participação." (VERCELLI, p.9) Para tanto, o professor tem autonomia e liberdade para trabalhar conteúdos que considera relevantes, curriculares ou não, em suas visitas a esses tipos de espaços. Por outro viés, esses espaços propiciam aos professores trabalharem com temas geradores que abarcam conteúdos de diversas disciplinas, oferecendo aos alunos as contribuições de um ensino interdisciplinar.

Compreendemos que os espaços não formais podem muito contribuir ao processo de ensino e aprendizagem, pois acreditamos que o estádio de futebol propicia problematizar o ensino. FREIRE (2011) corrobora ao afirmar que

[...] enquanto a prática bancária [...] implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade, [...] que resulte sua inserção crítica na realidade. (FREIRE, 2011, p. 97-98).

Sob esse olhar, o estádio Serra Dourada oportuniza condições e possibilidades de desenvolver práticas problematizadoras, como propostas por Freire, as quais desafiam os educandos e os convida a pensar, refletir e transformar a realidade vivenciada. E, assim, estabelecendo caminhos emancipatórios na medida que essas práticas passam a se constituírem partes de processos de formação humana.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, I. **Aprendizagem não formal/formal das ciências. Relações entre os museus de ciência e as escolas.** p. 1-17, 1993. Disponível em: <<http://www.ie.ulisboa.pt/pls/portal/docs/1/298079.PDF>> Acessado em: 05 dez. 2014

DURAN, M.C.G. O desafio do pedagogo nos espaços de educação não formal. **Revista Múltiplas Leituras**, São Paulo; v. 4, p. 131-133, 2011.

ESTEVES, P.E. C. C.; MONTEMÓR, H.A.S.M. Uma proposta de educação não-formal: o Espaço da Criança Anália Franco. **Educação em Revista**, Marília, v.12, n.2, p. 109-124, Jul.-Dez., 2011

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOHN, M.G. Educação não-Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

MARANDINO, M. Museu como lugar de cidadania. **Salto para o futuro.** Ano 19, n. 3, p. 29-34, Maio, 2009.

NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril Cultural, n. 29, fev 2014.

THIESEN, J.S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13 n. 39, p. 545-554 set./dez. 2008.

VERCELLI, L.C.A. Estação Ciência: espaço educativo institucional não formal de aprendizagem. In: IV ENCONTRO DE PESQUISA DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNINOVE, 4., 2011. São Paulo. **Anais IV Encontro de Pesquisa Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNINOVE**, São Paulo, 2011.